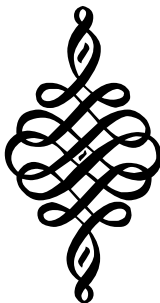


."Seres Tu".

.Lá Não Existem Flores!
.Busca Hereditária de Frederico Otto Kummer.

Felipe Kummer nasceu em Maceió, no Brasil, em 1984. É livre pensador, autodidata, poliglota, artista, escritor e pesquisador. Em 2003, enquanto se preparava para cursar Direito, tomou a decisão de interculturalizar-se, instalando-se na terra de seus ancestrais paternos, a Alemanha. Atualmente, o autor está radicado na Suíça, especializado em turismo comercial e relações humanas, colabora no mundo de comunicação online, além de dedicar-se em tempos livres às investigações genealógicas de sua e de outras famílias. A essa experiência somou-se a curiosidade sobre seus antigos, nascendo a grande obra: Lá Não Existem Flores.

*.Uma Investigação de.
.Felipe Kummer.*



© 2012 Felipe Kummer. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, estocada, transmitida inclusive por meio de processos, seja ele eletrônico, mecânico, xerográficos, de gravação, químicos, ópticos, sem a permissão expressa do autor.

K95l Kummer, Felipe.

Lá não existem flores! Busca hereditária de Frederico Otto Kummer /
Felipe Kummer . – 1. Ed. – Florianópolis: Bookess Editora, 2012.
560p. : il.

Inclui bibliografia.

ISBN: 9788580454130

1. História – Família Kummer. 2. Genealogia – Família Kummer. 3.
Nordeste Brasileiro – Família Kummer I. Kummer, Frederico Otto II.
Kummer, W. Friedrich Otto III. Título.

CDD - 800(920)

CDU - 929KUMMER : 929.5 : 929.6(430)(81)KUM

Para contatar o autor, você pode escrever para:

felipe_kummer@hotmail.com

Design, diagramação, fotomontagens: Felipe Kummer.

Revisão: Claudius Kummer, Felipe Kummer.

Edição: Claudius Kummer, Felipe Kummer.

Capa: fotografia: Dente de leão: © Viktoriya Romanenko: Fotolia.com.

Página na Web: www.kummer.wix.com/kummer

ISBN: 978-85-8045-413-0

Impresso no Brasil.



Não sei como posso parecer aos olhos do mundo, somente sei o que de mim sempre supus, um menino que brincou à margem do mar e no jardim de seus pais, que sem saber, era como um sapateiro que criou as bases terrenas a que andar e somente como um viajante descobriria o significado real de todas as veredas mundanas.

“O que sabemos é uma gota, o que ignoramos é um oceano”.

Isaac Newton



Todos os personagens, acontecimentos e locais são reais. Mas essa realidade, embora às vezes fantasiada, exalta-se, resgatando intensamente a profunda curiosidade sob nossos primórdios ancestrais. Se documentada ou conservada através da história oral, preenchem com acontecimentos e complexos individuais uma fonte rica e digna da memória avoenga.

Incessantemente me desafiei a emergir todas essas cores e paisagens em forma de obra colossal.

Há um provérbio que diz: “A casa dos pais não é um lugar para se morar, mas um lugar para se voltar”. Desconheço o autor.

Felipe Kummer.

. A todos nós.



.Sumário.



AGRADECIMENTOS	17
PREFÁCIO POR CLAUDIUS KUMMER	23
I. INTRODUÇÃO: ANÁLISE E ENSAIOS DE NOSSAS RAÍZES	27
II. PARTE INICIAL DE UMA COMPOSIÇÃO MEMORÁVEL	45
RAMO ALEMANHA:	
III. OS KUMMER SAPATEIROS: 1672 - 1777	74
IV. FRANZ XAVER KUMMER: 1777 - 1863	99
V. A NOVA GERAÇÃO: O ÚLTIMO DESEJO DE ALBERT 1819 - 1918	164
VI. OS FILHOS DO RÉGIO JUIZ: 1853 - 1939	174
RAMO BRASIL:	
VII. WENZESLAUS FRIEDRICH OTTO KUMMER: 1862 - 1903	206
VIII. VOVÓ FRANCELINA E A NOVA FAMÍLIA: 1885 - 1965	254
IX. OS KUMMER DO NORDESTE: FREDERICO OTTO KUMMER 1903 - 1987	290
ANEXOS	367
ENCONTROS DA FAMÍLIA	387
ORIGEM DO SOBRENOME KUMMER	395
ESTUDO DO BRASÃO	423
Y-DNA E A ORIGEM GENÉTICA DOS KUMMER	445
O NÓ DA QUESTÃO & ATO PSICOGENEALÓGICO	481
BIBLIOGRAFIA & REFERÊNCIAS ADICIONAIS	519

.Ilustrações.



RAMO ALEMANHA:

VERSO FOTOGRÁFICO: CIDADE LANDSHUT	47
CATEDRAL ST. MARTIN: CIDADE LANDSHUT	54
CIDADE DE LANDSHUT :1690	56
CIDADE DE LANDSHUT : 1934	57
CARTOGRAFIA REGIÃO DE DILLINGEN: 1712	77
LITOGRAFIA VISÕES DO DANÚBIO: HÖCHSTÄDT E REDONDEZAS	83
MOSTEIRO DE ST. MANG: CIDADE DE FÜSSEN	111
ACERVO KUMMER EM ÖTTINGEN WALLERSTEIN	130
ALBERT KUMMER	134,145,373
LUDWIG OTTO KUMMER	181,183,186,187
MAXIMILIAN JOSEPH KUMMER	191
ÁRVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA KUMMER: 1932	195,196,197
ÁRVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA KUMMER: 1937	371
BRASÃO	431

RAMO BRASIL:

ANTÔNIO OTTO KUMMER	64
ANTÔNIO E ESPOSA EM CASAMENTO: 1957	65
ANTÔNIO E FAMÍLIA DE SUA ESPOSA	67
WENZESLAUS FRIEDRICH OTTO KUMMER	207,253
CARLOS ALBERTO DE MENEZES	218
FÁBRICA DE CAMARAGIBE	227,231,232
VILA OPERÁRIA DE CAMARAGIBE	229
PIERRE COLLIER	235
FRANCELINA GUIMARÃES KUMMER	255
FRANCELINA E NETOS	277
FAMÍLIA CAMPÊLO: JUDITH GUIMARÃES KUMMER E FILHOS	275, 281,381
FREDERICO OTTO KUMMER	291,301,309,333,361
LAURA FERREIRA KUMMER	307,311
FREDERICO OTTO E LAURA	303, 323
FREDERICO OTTO, ESPOSA E NETOS	322,375
OS TREZE FILHOS DO CASAL KUMMER	339
CIDADE DE PORTO REAL DO COLÉGIO: ALAGOAS	315
PRAÇA FREDERICO OTTO KUMMER: PORTO REAL DO COLÉGIO	295
JUDITH GUIMARÃES KUMMER, FILHA MIRNA E FREDERICO OTTO E NETOS	375
PINTURA: LAURA F. KUMMER & FREDERICO OTTO KUMMER	377,379
RESIDÊNCIA FINAL DE OTTO E LAURA: PORTO REAL DO COLÉGIO	519

.Agradecimentos.



Este livro é o resultado da ajuda de muitas pessoas, pois sem elas nunca teria sido capaz de completá-lo. A família, grande panorama histórico, é o elo despretensioso que fornece valiosas aventuras da vida de nossos desbravadores. Anos atrás, ao explorar as nossas origens, não imaginava a direção que essa obra tomaria, hoje, posso afirmar quão grandioso foi doar o tempo necessário e dar-se o conhecer de avós que cultivaram as terras e os frutos de seus sertões nordestinos.

Ao escrever sobre os nossos antepassados, pensei na longa lista de nomes que poderia encontrar. Perguntei-me quais deles era o mais importante e onde eu me incluiria nela. Descobri que não estava no topo, nem em baixo, nem no meio. Não encabeçava, nem concluía a lista. Não era o primeiro, nem o último. Todavia, desfrutei sinceramente de toda a história e limitei-me a apenas escrevê-la.

A família pode ser entendida como uma verdadeira rede de vínculos, seres humanos que de corpo e alma, em diferentes vivências contribuíram para o surgimento da vida que hoje cada um de nós experimenta. O entrelaçar de fios hereditários e de filiações podem nos ensinar a verdadeira arte de aquecer o universo de nossos corações dentro da alegria e reflexão. Este tecido de fibras que ora contínuo ou descontínuo nos revela que é na profundidade das relações que todos nós independente de lugar, contribuímos para o tabuleiro de nossa história familiar. Assim como a água que brota do solo, alguma com gosto doce do mel ou salpicada pelo movimento das marés, de turvas a límpidas de revoltosas a tranquilas, de onde surge a aparição

da vida e provida de várias nascentes, que podemos compreender que jorramos de uma mesma fonte de acontecimentos.

Este primeiro trabalho é rico do profundo e sincero agradecimento a todos vocês que contribuíram para a realização desta magnífica obra. Agradeço ao meu querido pai Claudius, que com paciência e a grande faculdade de compreender, amadureceu o conteúdo deste projeto. A minha amada mãe Cristina que sempre esteve atenta à leitura dos textos proclamados em conversas telefônicas concebendo sua própria cor e concepção, ainda à minha irmã Sarah, que como fonte de inspiração permitiu alcançar mais essa conquista sem medos ou reservas. A minha tia-avó Terezinha Kummer que em seus mais de setenta anos de lucidez, doou o material fotográfico mais antigo da família e que de forma imprescindível tornou-se o estopim simbólico mais importante para a descoberta de nossos antepassados: meu sincero obrigado!

A minha avó paterna Glauce T. Kummer, modesta, grande e incansável encorajadora para a conclusão deste detalhado resgate. Aos meus avós maternos Gregório de Oliveira (in memoriam) e Helena Ramos que crescendo junto de suas ancianidades aprendi as velhas cores da simplicidade.

Em especial à Família Campêlo, do Recife e Mirna G. Campêlo, na Paraíba, auxiliadora maravilhosa, que com verdadeiro empenho, trouxe à luz toda escuridão histórica, visitando

idades e locais, além de incontáveis dias de conversas desde o nosso primeiro encontro. A Huda Guimarães, do Recife, por tornar cômoda a minha estadia em seu espaço e permitir o encontro com membros familiares ainda quando estes eram apenas desconhecidos.

Não posso deixar de fora pessoas como: Edméa Kummer, de Maceió, pela abertura de seu arquivo fotográfico e doação de livros, também à Ana Paula Kummer em Aracaju pela grande ajuda no recolhimento de antigas fotografias, Martinha Kummer Loreto, de Recife, pela busca em arquivos locais e a seu irmão João Kummer Loreto; tios-avós: Laurinha Kummer, no Canadá, por fazer das memórias de outrora uma caminhada rica em detalhes, Napoleão Kummer em Maceió, Frederico Cândido Kummer em Aracajú e Luciana sua filha, pela importância que deu a este projeto.

Não esquecendo o historiador Adriano Ribeiro, de Porto Real do Colégio em Alagoas, pelos textos e retratos da época, verdadeiros presentes na reconstrução do passado alagoano. Do poeta e escritor Ronaldo de Lima, da mesma localidade, por acolher de braços abertos as diversas pesquisas, o acesso a material restrito e peculiaridades agindo no interesse de um amigo longínquo; à Tereza Collier, na França, pelo esclarecimento de alguns fatos históricos e o compartilhamento do material de seus antepassados.

Àqueles que nos bastidores dos arquivos públicos, bibliotecas, tanto no Brasil como no exterior, sempre estiveram dispostos a estender a mão a pesquisadores interessados no trabalho de

recuperação e conservação de antiguidades; em especial aos cartórios do interior do meu Brasil pela simplicidade e generosidade de informações de seus atendentes.

Ao repórter E. S. Jukic, Alemanha, que generosamente publicou o artigo familiar no jornal "*Landshuter Zeitung*", quando apenas a garimpagem havia começado. Nina, Konrad, Friederike, Alemanha, pela fiel interpretação na leitura de textos quase indecifráveis; padres, bispos, pesquisadores espalhados pela Alemanha que incansavelmente buscaram decifrar cada vestígio destes formidáveis antecedentes. Nesta lista inclui-se também o escritor e dramaturgo chileno Alejandro Jodorowsky, precursor da literatura genealógica referente ao espírito e à mente, que reacendeu em mim chamas filosóficas.

Dedico este trabalho literário a todos àqueles que fazem parte desta grande árvore. Que esta obra possa trazer a verdadeira jovialidade, liberdade e contemplação de nossos antepassados, que esses antecessores não sejam apenas tudo o que você vê, mas professores que no pelejar da vida, podem nos ensinar algo de maior profundidade: o encontro da vida de cada um com o que está por vir.

Ninguém deixa a família, país e cultura simplesmente movido pelo desejo de desbravar ou ser pioneiro, e sim, pela concretização dos sonhos. Se o existir é empenhar-se em descobrir, sinto que em algum lugar alguém se permitiu vivenciar.

Felipe Kummer.

.Prefácio.



O livro que você tem em mãos faz parte de um esforço familiar que já dura mais de 20 anos. Inicialmente, até onde sei, esse desejo começou com Frederico Cândido Otto Kummer, carinhosamente apelidado de “Didico” irmão de meu pai Antônio Otto Kummer que rabiscou as primeiras páginas desse grande desafio sem, no entanto, apresentá-lo na forma como se encontra.

Depois veio Dídimo, mais conhecido no seio familiar como “Diminho”, médico e escritor alagoano que escreveu também sobre a família, viajando inclusive até a Alemanha na tentativa de trazer fatos que desse continuidade a esse grande desafio. Foi preciso acrescentar aos anos de busca já existentes, anos a mais para que a obra ficasse completa.

Quando me refiro há anos a mais, quero dizer que teríamos que esperar pelos meios tecnológicos que possibilitasse esse grande encontro familiar através da internet, onde cada um dos membros relatou minuciosamente suas lembranças. O Objetivo principal desse documentário visa não só descobrir o passado histórico de nossos ancestrais, mais discutir se possível até a exaustão, a misteriosa morte de nosso progenitor.

Relatar a verdade é muitas vezes penoso para aqueles envolvidos diretamente, outras vezes odioso, mas na maioria das vezes amado pelo seu valor incomparável, e todo aquele que se propõe a navegar pelas águas do passado deve tê-la a bordo e considerá-la sua bússola.

Ainda não parei para pensar os motivos que levaram Felipe Kummer – ou simplesmente meu filho – a escolher-me para prefaciar seu livro. Prefiro pensar na possibilidade que a deferência visa homenagear a mim, seu pai e amigo, que desde o primeiro pensamento na elaboração deste projeto se interessou, mesmo estando nos “bastidores”, na busca de casos relacionados à família, ou ainda pelo respeito demonstrado pelo seu interesse e determinação perante os desafios que haveriam de vir, ou finalmente pelo incentivo para levar a cabo a presente empreitada.

Felipe consegue transmitir às páginas de seu livro as dificuldades que encontrou no caminho em sua busca pela verdade, descrevendo cada região com pinceladas de cores fortes e expressivas, fazendo-nos imaginar o cenário. Sem exaltar-se, interpreta como pessoa carente de iluminação o caminho percorrido por nossos ancestrais. Desnuda os mitos, as falhas familiares, as precariedades do julgamento humano

sobre as atitudes tomadas por nossos ancestrais cuja realidade ficou guardada na intimidade daqueles que a vivenciaram.

Apesar disso, Felipe utiliza-se de seu próprio material genético a fim de traçar um retrato mais fiel sobre a nossa ancestralidade, quebrando tabus e dando-nos a oportunidade de olhar mais além, abrindo novas perspectivas àqueles que na família acreditam piamente possuírem “sangue azul”.

Sem carregar o “fardo da culpa”, o livro é todo construído a partir da vasta documentação e testemunhos de filhos, netos, bisnetos e amigos que de alguma maneira tiveram contato com os protagonistas desta obra.

O leitor dotado de observação sutil perceberá sua capacidade de registrar a paisagem humana e social, bem como os artifícios empregados à realização deste.

O livro oferece ao leitor um relato das vicissitudes percorridas por Felipe em terras europeias, sem perder a consciência de seu próprio valor, pondo em devido relevo o fato de ser alagoano, não somente por ter nascido, morado ou vivido nesse rincão nordestino, mas principalmente por possuir as qualidades da inteligência e da valentia obstinada.

Por mim, recebi com alegria o honroso convite do inesquecível filho e amigo leal para dar uma olhada nos originais. Assim pude, antes do público leitor, maravilhar-me com o que aqui vai escrito.

*“Nossos escritos são como tantos pratos, nossos leitores como convidados, nossos livros como a beleza, que, enquanto um admira, outro rejeita; assim somos aprovados como as fantasias dos homens são servidas”.*¹

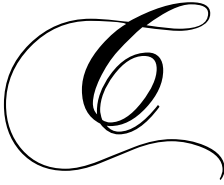
Claudius Kummer.

¹ Robert Burton (1577-1640), em *“A Anatomia da Melancolia”*.

I.

*.Introdução: Análise e ensaios de.
.nossas raízes.*





Como nunca contado antes, nossa primeira referência familiar surgiu a mais de trezentos anos atrás. Em tempos muito antigos, a história da família Kummer pode ser rastreada até os primórdios do século XVII.

Ancestrais que jamais poderiam imaginar a grandeza e a força do ânimo que se estendeu a seus filhos em tão diferentes terras. Descendentes que emergiram de seus elos e somente com perseverança e a vontade do esforço se transformaram em um imenso pomar genealógico.

No dia em que pela primeira vez me deparei com nossos velhos e nobres, ainda que sem rostos, sem olhos e sem sapatos, perguntei-me que papel importante revelava as circunstâncias de suas vidas. Onde viveram e como eles resolveram seus problemas. Suas aptidões para suportar a fadiga, a fome, a vontade de aprender e conhecer. Todos os conhecimentos que esculpam a trajetória de nossos avós longínquos.

Traços distintivos, o gênio, o humor, a índole, temperamentos que se exprimiam em vasta documentação. O mundo de personagens entrelaçados que ora se desviavam um dos outros ou que em baixo do mesmo teto eram aliados em domicílio. Quanto mais eu me aprofundava em suas histórias, mais perguntas permaneciam abertas sobre esse indecifrável mosaico familiar.

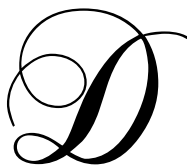
Chamado pela atenção, ao perceber a incrível proeza do cotidiano e habitat em que nossos avós estavam envolvidos, me

lancei nesta valiosa busca. Empenhei-me em compreender os pensamentos do século e as peculiaridades que alimentavam suas vidas.

Nossos antepassados não eram somente centrados na vida intelectual, porém fortemente enraizados na vida emocional. Traços que assinalavam estímulos e relações que aos poucos construía os dramas de quem um dia em verdade fora de carne e osso.

Entenda que me refiro a um tempo já findo, feito de homens e mulheres de outras épocas. Onde os fenômenos da vida diária nunca puderam revigorar em algo diferente na labareda de problemas mundanos. Não possuíam o direito de ter como hoje conhecemos. Suas convicções não podiam ser totalmente expressas. A sobrevivência de costumes de épocas passadas, a obrigação com a igreja e a sociedade, moldou a maneira particular que estas pessoas tinham sob suas vidas. Em realidade, era notável constatar que quase todos, se não todos, não viveram essencialmente seus próprios sonhos. Antigamente quase não se tinha muita escolha.

Hoje experimentamos parte destes vínculos, mas com uma diferença: a capacidade de eleger. Por isso a realização de uma crônica familiar consiste em adotar para o destino destes personagens, uma imaginação intuitiva e de questionamento criativo e libertador, que proporcione um caminho diferente para nossos avós tal como podemos imaginar. Compreender que apesar de nossas semelhanças, todos nós não somos feitos de uma mesma fatalidade.



urante os últimos oito anos, viajei como um personagem incógnito dentro da história de nossos antepassados. Ambicionando conhecer a complexidade dos momentos mais decisivos e trágicos da infância e juventude destes nossos antecessores.

Já há muito tempo, um autêntico mistério envolvia as minhas origens paternas. Em raras ocasiões tive a oportunidade de estabelecer um contato com este passado adormecido e de menor intensidade. Mas enquanto as velhas histórias proporcionavam a extravagância na imaginação caprichosa, aflorou dentro de mim um ímpeto de curiosidade violenta.

“Amanhã, daqui a um ano, somente amanhã daqui a um milhão de anos”; soava como um adágio popular, a vida de pessoas tão diferentes quando sentei pela primeira vez e escrevi.

Lentamente fui conhecendo histórias de quem eu nunca havia antes encontrado, e sem impedimentos, começara a experimentar esta rede de relacionamentos em que todos estavam submersos. As noivas vestiram-se de branco e os noivos de preto, suas aventuras eram um universo de recordações imprecisas, isoladas, repassadas na maioria das vezes de “boca em boca”, que somente mais tarde pode complementar uma mínima parte na escassez do próprio material.

Através dos dias a memória revelava a luz de suas origens, entretanto, se não fosse pelo sacrifício dela, ninguém saberia

nada a respeito, nem saberíamos quem ou o que realmente era ou de onde ele ou ela veio ou para onde estava indo.

O desafiante recolhimento de dados, investigações que pareciam levar uma eternidade, revelava em documentações borradas a existência de alguns de nossos representantes. Contatei familiares que só conheci por carta ou telefone e que iluminaram grande parte do caminho a ser percorrido. Naturalmente, houve noites em que eu não dormi. Momentos angustiantes e de contentamento, marcados intensamente pelas estações dos lugares em que passei.

O verão abrasador de minha cidade natal, Maceió, no nordeste do Brasil, devolvia-me o vigor que motiva as pessoas a serem criativas e mais produtivas. Assim também aconteceu no inverno gélido na terra de nossos ancestrais, onde os campos e montanhas cobrem-se de neve, dando a sensação que a terra ficou mais velha, mais madura ou simplesmente mais experiente.

A primavera, sempre promissora, enche as árvores de flores, perfumando o ambiente com o aroma doce de cerejas e maçãs, atraindo para si insetos que se alimentam do néctar e em troca levam seu pólen a outras flores dando a elas a grande tarefa de garantir a sustentabilidade das próximas gerações.

O outono vem e traz consigo a sensação de que a terra sofre, abalada por ventos fortes que derrubam as folhas e quebram os galhos das árvores. No entanto, é um período de grande importância, pois as tempestades nesta época do ano permitem

às árvores aprofundarem-se na terra, permitindo aos troncos subterrâneos serem fortes e grossos.

Foi entre os equinócios e solstícios que aconteceu o despertar para um intenso relacionamento com a diversidade de sua humanidade. Envolvido com as variações do tempo, rodeado pelo desafio, coberto pelo toque da beleza e a busca pela imortalidade que o fizeram desafiar o imprevisito levando-o a terras longínquas.

Quando a sensação de experimentar surgiu no coração de um de nossos antepassados, este cruzou a fortaleza dos oceanos, chegando até a aridez do nordeste brasileiro. Terras que não envelhecem com a brancura da neve, mas enrugam-se pela ação do sol abrasador e com a falta da chuva que nunca vem.

Os imigrantes que aportaram nesta região do Brasil tinham motivos suficientes para desistirem de seus sonhos, mas assim como os insetos na primavera reconheciam a chegada de um novo tempo, esses imigrantes também compreenderam a dádiva de espalhar seus “pólenes” em outras flores, ainda que do outro lado do mar.

Os desafios eram grandes: O idioma, a cultura e acima de tudo a terra com seus milhares de pedregulhos e cascalhos que encobriam o caminho, sem falar da falta de experiência para lidar com ela.

Queridos familiares, todos nós somos parte deste caminho. Filhos de uma história marcada por quem nos precedeu, antepassados como você e eu, que com coração e alma lutaram com bravura por suas vidas.

Não há como escrever um livro sobre família, somente composto de elementos como datas e nomes ou até mesmo uma descrição cronológica feita apenas de acontecimentos históricos. Cada pessoa é constituída da essência *“vida- amor-morte (vidamorte)”*, é este espaço de tempo que estende-se do nascimento até a cessação corporal que compõe a melodia máxima de cada ser. Suas existências relacionadas com suas vivências.

Há muitas obras já publicadas no campo da Genealogia Familiar, mas poucas são aquelas que exploram clarificar a visão da árvore com todas as suas qualidades boas e ruins. Este conjunto modesto de folhas, não somente pretende conceder ao leitor uma visão esclarecedora dos fatos que se manifestaram nas vivências de nossos avós, mas, tem o intuito de servir como obra mediadora no que condiz a nossa confrontação com filosofias e métodos que diariamente surgem à nossa frente. Para que possamos estabelecer um novo relacionamento com o nosso mundo e conseqüentemente o de nossos rudimentares, é preciso renascer, e para isto é necessário questionar-se. Entender em nós quais são os sentimentos nocivos que nos afastam de nosso centro, e como podemos renovar esses sentimentos dando a eles um novo sentido, principalmente aos

antigos valores que se mantêm em nossa ascendência e consanguinidade.

Por força de tradição, famílias de todo o mundo aspiram firmemente relações direcionadas a sentimentos de autoridade, do crédito, da preponderância, rodeados pelo período de criação, das influências vindas do berço, a memória cultivada pela honra e sobrenome, um conjunto de condutas e modelos culturais que os indivíduos diariamente trouxeram para suas vidas. É de grande importância notar que esses foram os primeiros ensinamentos absorvidos da convivência diária com nossos pais ou avós, emergidos dentro de nós a maneira familiar que encaramos o mundo.

Romantizar a história de nossos ancestrais é também examinar as diversas regras da teia social, cultural e religiosa, sentimentos de conformidades e de variada inconsciência que se enraizaram em nosso constante presente. Que esse árduo trabalho revele um raciocínio coerente sobre o elo pioneiro na construção do caráter do indivíduo, e um novo olhar de natureza intuitiva que traga iluminação e liberdade às diversas mazelas presentes na vida de nossos antecessores. Que possamos debulhar a semente do fruto maduro da mudança, impulsionando nosso pomar genealógico a um futuro diferente, preenchendo nossos corações de paz, consciência e menor juízo do outro.

Em nossa história, os homens, de uma forma geral, era quem provia segurança, alimentos e demais acessórios físicos para o

conforto material. Isso o obrigava a sair de casa e passar mais tempo fora, longe do convívio familiar, o que não acontecia com as mulheres.

Os filhos, por sua vez quando pequenos se viam cercados por suas mães, ligados como parte de uma extensão materna de natureza própria e inerente. No entanto, toda a educação dada pela mãe não foi suficiente para preencher essa lacuna de ordem, digamos, masculina, vinda do pai.

Deste modo, os filhos aprendiam que o mundo funcionava através dos olhos de seus pais, estes, por sua vez, personificavam a maioria dos ensinamentos recebidos de seus pais e avós, ponta pé inicial na composição da identidade, a gama de ideais incorporados que de início acreditamos ser nossa individualidade.

Quase toda nossa vida, incorporamos valores que constituem nossa noção sobre família e moralidade. Mas será que tudo isso forma verdadeiramente o que realmente somos? Ou são apenas meras reflexões caloríficas e sonoras, aspectos herdados de uma relação do passado que ora volta e se vai continuamente?

Certa vez o escritor alemão Herman Hesse em sua obra *Demian* (1917) escreveu:

“Quem quiser nascer tem que destruir um mundo. Destruir no sentido de romper com o passado e as tradições já mortas, de desvincular-se do meio excessivamente cômodo e seguro da infância

para a conseqüente dolorosa busca da própria razão do existir: ser é ousar ser”.

Fazer uma viagem à fantástica história de nossa árvore genealógica é deixar-se prender na rede das emoções que envolviam os pensamentos e ideias de nossos ancestrais. Adquirir a consciência dos fatos que ocorreram, seus vínculos mais profundos, neuroses e qualidades, esclarecer sentimentos que não só estão reservados ao papel e ao silêncio, mas, utilizar-se de nossa criatividade e faculdade de compreensão em descobrir quais desses elementos foram inseridos em nós e quais deles podemos utilizar em prol de uma nova mentalidade e espiritualidade, desde que sejam menos herdadas e sim, próprias de si mesmo.

Em tempos primórdios, a identidade pessoal não estava necessariamente a serviço do ser essencial. Existiam vastos arquétipos, modelos obtidos através de uma tirania cultural e que nunca se estenderam a favor da condição natural e o trabalho consciente do ser.

Em prol da transmissão de doutrinas, lendas, costumes, muitos nomes se repetem, profissões herdadas pela honra, a busca pela prosperidade, o manifesto de um brasão, de um título, a sensação de um destino guiado por uma diretriz social e religiosa. A verdade é que havia sempre alguém pensando pelo indivíduo antes.

Em nossos dias, centenas de pessoas ainda acreditam que as regras estabelecidas pelo mundo de coisas notáveis, posição social e econômica devem também servir como exemplo para uma próxima geração.

Na história familiar, aprendemos que não são os nossos ideais que definem a árvore genealógica e sim seus frutos. Em um antigo provérbio popular podemos chegar ao mesmo sentido, quando afirmamos que “as aparências enganam”. É essa premissa de descoberta, assim como as distintas digitais na ponta de cada um de nossos dedos, que se diferenciam as sementes de um mesmo tronco. Por isso é tão necessário formularmos perguntas sobre nossos dramas e atitudes, aprofundar-nos em métodos que trabalhem o nosso questionamento e desenvolva um ser humano mais evoluído, ativo, metamórfico, humanizado. O encontro do homem com seu “Deus Interior”.

Estar em uma família, é viver uma verdadeira rede de vínculos. Uns mais concretos como aqueles que se tramam debaixo do mesmo teto, e outros mais abstratos, vindos de uma linhagem ou de duas ou três gerações diferentes. Esta rede de vínculos estabelecida ou falha, concreta ou simbólica, converte-se na anatomia funcional da linhagem. Uma árvore que funciona harmoniosamente é uma árvore em que os vínculos entre os diferentes membros são sãs, que se estendem em função das necessidades afetivas, materiais, físicas de cada um. Porém uma árvore torcida é aquela cujos vínculos se converteram em nós inexplicáveis, com situações estancadas, que uns e outros perdem

suas vidas, seu tempo e suas capacidades criativas, fechados em um sistema de relações mortíferas.²

Ser envolvido na interação entre pais e filhos é herdar uma mensurável experiência. No entanto, a criação de nossos pais, de sua educação, de seus excessos e castigos temporais, fazem parte do universo de ideias que parcialmente ou totalmente sustentamos em forma de individualidade adquirida, se sana ou doentia. É preciso reconhecer que cada um de nós, temos muito de nossos pais, seja nas características físicas ou intelectuais, porém isso não é um determinante para a vida. A vida é feita de nossas escolhas, sem a interferência de ninguém, embora tenhamos recebido em algum momento, uma noção anterior, seja ela vinda de alguém que nos possibilitou dar o primeiro passo.

Ao escrever sobre nossos primórdios ancestrais, várias perguntas surgiram no desenvolvimento desta crônica: Porque este antepassado tomou esta atitude? Porque imigrou até certa região e porque continuou por lá? Porque este em sua trajetória foi racista, porque então este, apesar disto, foi tão generoso?

Se você se pergunta como podem algumas pessoas compreenderem tão bem determinados assuntos ou como podem encarar tão claramente uma situação de maneira diferente da sua, então o primeiro passo rumo à rota de si já foi

² JODOROWSKY, A.; COSTA, M. *Metagenealogia*. 1^a ed. Madrid: Siruela, 2011. (tradução nossa)

dados. Em verdade, os conceitos que correspondem às noções do tempo e espaço de cada um, devem ser seguidos de questionamento. Pensar de forma diferente, refletir pontos de vistas, mesmo que estes não revelem de imediato uma resposta concreta é fundamental para que o processo de qualquer tipo de mudança aconteça.

Manter-se em uma zona de conforto, revivendo comportamentos e atitudes adquiridas, se vindo de uma geração anterior ou porque esta ou aquela pessoa não se sentiria confortável sabendo disso, sem discernir como certo ou errado, se louvável ou estagnado, é esconder-se do mundo em um frasco fechado.

A família, centro de grande importância, também está invadida por esses laços imitadores. Há uma necessidade em transformar esses movimentos “modelos” que se enraizaram através da força do hábito e das restrições, no motivo maior que possa reacender este ser de natureza indefinível que em verdade todos nós somos. Desarticular para reajustar. Emergir um novo significado do que realmente são nossas dependências emocionais e os vínculos que formam o indivíduo e sua família.

Nós como seres racionais, temos que ser capazes de distinguir entre o vínculo sanador (aquele que nos permite evoluir e crescer) do cego (que nos acorrenta em uma situação de estancamento). O conceito central que devemos estudar em toda relação é a liberdade, ou seja, que as relações com os demais não podem consistir em exigir que o outro seja o que não é. Os pais em particular devem dar aos seus filhos a liberdade de ser quem são:

Liberdade de pensar, de amar, de criar, de viver, de mover-se e de ser um indivíduo masculino e feminino. É a proibição 'de ser o que se é' ou a 'ordem de ser o que não é', que converte o vínculo em nó.³

Questionando-me ao romantizar as aventuras de nossos avós, este livro ganhou várias versões. O primeiro manuscrito emergiu apenas com datas e nomes, locais de nascimento e morte. Tempos depois os fatos descobertos evoluíram em forma de protesto e revolta, para somente mais tarde quando os elementos se cruzaram em forma de caráter para cada personagem, seus ideais recebidos, insatisfações, cenários e nomes repetitivos, eu pude por fim encontrar a consciência coletiva que se ativou em todo seu potencial. O conjunto de cores, concepções e práticas que pudessem contar e reinventar nossas raízes.

Muitas destas relações humanas tinham uma tendência psicológica da criança em corpo de adulto, encarnação perfeita do mundo luminoso de seus pais. Sabendo apenas discernir a medida do que se aprendeu. Entenda que nossos ancestrais nunca viveram o que eles essencialmente eram, a sobrevivência do dia-a-dia, o cuidado de seus filhos e netos, eles não tinham a voz ativa que hoje podemos experimentar.

O que quero dizer, é que a realidade daquele tempo estava sedimentada na maneira que a sociedade encarava suas

³ JODOROWSKY, A.; COSTA, M. *Metagenealogia*. 1ª ed. Madrid: Siruela, 2011. (tradução nossa)

ofensas. As relações nas comunidades, na vizinhança, o imaginário dos mitos, o destino disposto nas mãos de homens, de crenças e tradições. A vida pessoal era adaptada ao modo de vida exterior, silenciosa perante o que em verdade alguns estavam de acordo. Poucas pessoas tiveram a chance de se encontrar.

É sobre a vivência na complexidade destes seres, que dá fim ao que hoje chamo de “repetida” herança. Este livro consiste nada mais que explicar esse mundo ancestral investigando as distintas estruturas, e sem embargo, servir de fonte que permita o desenvolvimento pessoal em prol de uma consciência mutante. Quando se expulsa um passado cheio de amarguras e sofrimentos, eleva-se de nossas entranhas um futuro diferente em sua totalidade.

Freud em uma de suas obras mais polêmicas *“o mal da civilização”*, afirma que somos marcados por fugas de sofrimento, onde nossa imagem familiar que abrange também os campos da moral, sexual e social foi conturbada para justificar nossa civilização em troca de segurança formando um mundo real de maneira delirante.

A este respeito, é onde também se encontra o quebra-cabeça familiar. A influência da linhagem sob o indivíduo e os comportamentos que se manifestam contra a moralidade de cada um. Temas como o desapego da intelectualidade, a decisão em excluir-se socialmente, a natureza de um incesto, a firmeza sob como morrer, a preferência amorosa e sexual de

um pelo mesmo sexo, filhos fora do casamento parecem serem temas muito dolorosos para alguns. Mas são essas redes de segredos frágeis, que proporcionam o que chamo de comportamento abortivo, ou seja, aquele liberado de um arquétipo cultural adquirido. A falta de questionamento e o excesso do pensamento assertivo herdado pela filiação familiar é o que restringe a ampliação do ser sobre a visão limitada do mundo.

O poder de conceber um novo foco aos segredos que impactaram alguma fase na vida de nossos ascendentes é o ponto fundamental que nos libera da inconveniência das proibições sociais e do silêncio moral. A pulsação do ser humano entrelaçado às incríveis histórias de nossos avós faz-nos conhecer a verdadeira luz presente em antigos elementos formadores, emergindo dentro de nós a criação de um novo eu e de uma nova família, que agora se conscientiza a favor de um desenrolar menos aterrorizado.

Podemos experimentar a necessidade de pensar com calma sob alguns pontos, reinventar o que não foi suficiente para encobrir que somos desta mistura de gente, originários de índios, negros, brancos, pobres, ricos, estrangeiros, seres nascidos na terra da antiga ilha Brasil. *“Qualquer indivíduo que cresce sem ligação com o passado é comparado àquele que nasce sem olhos e sem ouvidos e tenta perceber o mundo exterior com exatidão”*.⁴

⁴ JUNG, Carl Gustav: Psiquiatra suíço e fundador da psicologia analítica.

No dia em que sai de casa e passei sem arrependimento algum ao homem pensante, compreendi que as asas para a liberdade só apareceriam se pudessem modificar os conceitos e opiniões do passado, sem a dura pena do lar, compreendendo abertamente os caminhos pedregosos dos indivíduos e o que os levou a viverem em plenitude ou ignorância.

Redescobrir seus pais e antepassados, não quando crianças, mas como seres humanos adultos que pensam, identificam e contestam a ponto de romper pela consciência as diretrizes de elementos que ora vem em forma de hábitos do passado e que se projetaram em nós inconscientemente. Libertar-se do orgulho soberbo em relação ao sangue estrangeiro, da violência do sangue azul, da inutilidade da ascendência superior. Transcender os limites que não tem nenhuma relação conosco e decidir quais relações devem integrar em nós uma realidade mais efetiva.

Nossos primeiros antepassados eram camponeses que viviam da terra, operários e artesões que marcharam com os pés descalços, combatendo arduamente as tempestades e vivendo suas próprias paixões. Mais tarde outros pelejaram, foram criticados e através do trabalho afanoso, do esforço, gozaram de privilégios como nobres.

Creio que o mais precioso nisto tudo, não é descender de uma linhagem de homens ricos ou de grandes atribuições genéticas, e sim o reconhecimento pela consciência menos egoísta que se opõe a toda tirania, mérito, o conjunto de hierarquias

dominantes que virou plebe e corrompeu-se, se assim me permitem plagiar Nietzsche.

Eu espero verdadeiramente de todo coração, que as experiências desta obra, possam servir daquilo que há de melhor no ser humano, de transbordar a consciência do homem livre capaz de mergulhar na grande essência do seu verdadeiro eu. A capacidade sensata de alavancar o conhecimento e ser o verdadeiro salvador de superstições e privações de seus desejos mais íntimos. Essencialmente seres tu, no entanto também dedicais a seres todos nós.

“A busca pela verdade de cada um deve estar liberta de preconceitos”.
Esse é o verdadeiro bálsamo para a Alma.

Sem dúvidas, se fecharmos este livro desde as suas primeiras páginas para não mais abri-lo, é também proporcionar-se uma escolha. Mas essa atitude não mudará em nada os fatos aqui escritos. O peso da memória no delicado tecido da verdade é o motivo ao qual me deixo a reeditar as regras deste nome particular pelos seus esquecidos.

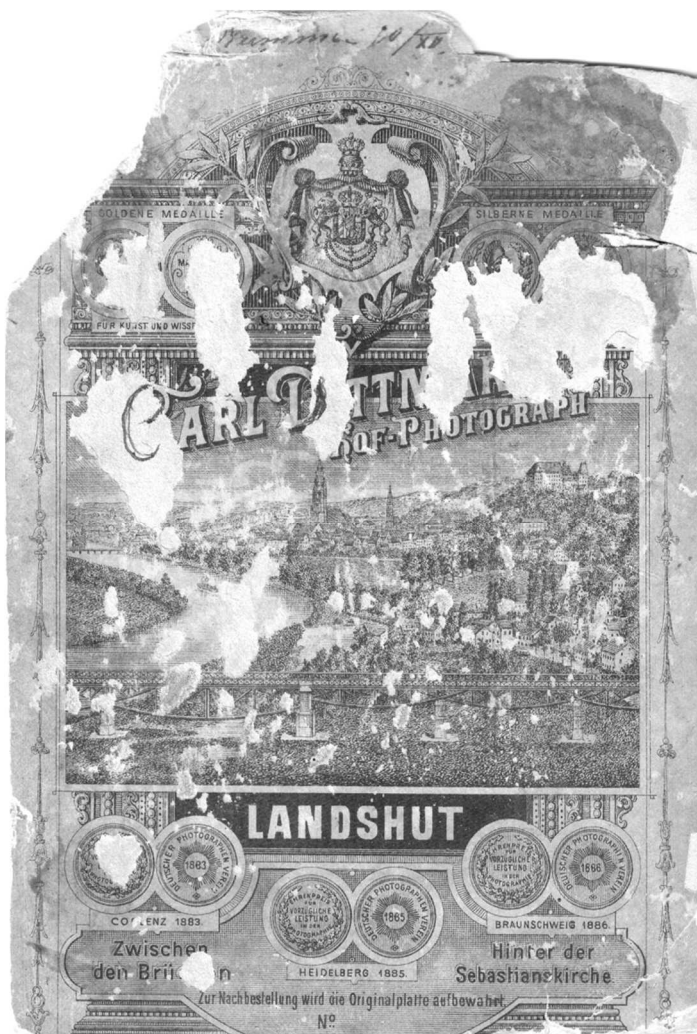
“Entre todas as vicissitudes da vida, embora a experiência humana varie muito de indivíduo para indivíduo, há um acontecimento que é inevitável para todos: a morte! Não importa qual seja a nossa posição social; se a vida que vivemos foi louvável ou não; se nossa passagem entre os homens ficou marcada por grandes feitos; se vivemos uma vida saudável ou de enfermidades; se fomos famosos e rodeados de amigos, ou obscuros e solitários, chegará um momento em que estaremos sós, diante do portal da morte, e seremos forçados a dar um salto no escuro”. Heindel, Max.



I.I

.Parte inicial de uma composição memorável.





Verso fotográfico: Carl Dittmann: Estúdio: Landshut: Alemanha.



*Aquela noite, “comprei” o interminável.
De cabeça molhada e lábios frios, banhei-me
da chuvosa e já derretida água-neve.*

Aquele fenômeno natural e transparente, que em um sentido mais preciso era mais branco que a neve, fundia-se, se transformando em água que vinha do próprio temporal.

Sons de todos os tipos ecoavam entre as esquinas menos iluminadas da cidade; meus movimentos ficavam cada vez menos ágeis por causa da roupa encharcada e os sapatos molhados pelas fortes pisadas já não graduavam a velha coloração “pálida” de sempre. Neste gélido caminho, comprei às pressas a minha passagem em direção ao outro lado do país.

Os borrifos de pequenas gotas caíam dos cabelos molhados, espalhando-se na tinta fresca recém-impressa do bilhete entregue em mãos por um atendente do balcão mais por obrigação do que por boa vontade. Denegrido com uma vermelhidão o papel vegetal, a folha carimbada escrita em mensagem coloquial levar-me-ia não tão longe dali, ao lado mais norte da cidade, em povoações de fronteiras quase invisíveis no final de 2007.

A viagem não foi nenhuma tentativa inútil. Dois anos antes, havia iniciado uma minuciosa investigação de descoberta pessoal, onde uma pessoa ou história para ou permanece.

Pouco se sabia sobre nossos antepassados e nunca se comentou abertamente sem levantar uma bandeira branca. Ali me defrontaria pela primeira vez com emaranhados de cartas,

livros caindo aos pedaços, pesquisas descontinuadas, segredos familiares e o péssimo humor de alguns, até quando notei que a falta de autores interessados no assunto impediram a história revelar um entendimento mais completo, isto é, o obstáculo maior do idioma estrangeiro repleto em documentações tornava tudo muito custoso a se fazer.

O pluvioso inverno me paralisava como uma hipnose pelo seu efeito meio adormecido. Guardei o bilhete borrado no bolso de uma jaqueta de veludo marrom. A toda pressa, acordei, pelo alarme que deitava na velha cabeceira, partindo em direção à estação central de Zurique, cidade Suíça na qual resido. O frio congelante trazia uma sensação de lerdeza aos meus neurônios, ocupando-me com variados pensamentos que tornariam as situações patentes, parte de um todo.

Antigas e amareladas fotografias viajavam comigo nesta missão. Repassadas de mãos em mãos pelos primeiros pesquisadores, estavam severamente protegidas dos riscos e até mesmo de outra imaginação mais fértil que a minha. No verso ilustre deste “carte de visit”, que nem branco nem preto lhe sobrara, pude contemplar a vista da bela cidade que estava a caminho. A tonalidade castanha combinada com o verde sujo revelava entre rabiscos feitos por um instrumento semelhante como que se escreve à tinta o conhecimento antigo gravado no documento misterioso. Suas bordas danificadas se assemelhavam a sentimentos da ferocidade da vida como se um felino rasgasse com brutas unhas os passos daquilo que fora uma vez objeto de segredo.

Eu não era tão meticuloso como parecia. As menores particularidades como câmeras, documentos, entre outras